



Ricardo Rocha num laboratório do Orgone Institute, durante uma sessão de "Orgone Composition".

Entrevista com o Jovem Talento Ricardo Rocha.

Cai a tarde. Estamos com Ricardo Rocha no vasto e luminoso atelier para onde o mais recente Prémio Pingo Doce acaba de se mudar com armas e bagagens. Por toda a parte enormes grades de madeira clara e rolos de tela preparada. As duas assistentes acabam de sair.

Artes & Leilões: É verdade que é a primeira vez que concede uma entrevista?

Ricardo Rocha (sorriso): É a primeira e última. O mundo está melhor sem mim mas eu estou melhor sem o mundo.

A&L: Aborrece-o dar uma entrevista a uma publicação especializada?

RR: Não, mas é completamente impossível que esta entrevista vá despertar em alguém, mais ou menos novo, interesse pelo meu trabalho ou pelo de outros artistas.

A&L: Aos leitores de uma revista de arte o que diria que é a Arte?

RR: Um colega meu disse uma vez: ao longo da História a Arte nunca há o principal embora ele esteja sempre presente. Eu prefiro pensar que a civilização produz uma percentagem de indivíduos com capacidade e apetência para operações formais que cada contexto sócio-económico molda nos termos das suas contradições...

A&L: Acha que consegue ser mais coloquial?

RR: Imagine uma sala. Uma sala de visitas, com aquelas coisas todas que há nas salas de visitas: o sofá, as poltronas, uma mesa, etc... Agora imagine que numa parede há um espelho. Toda a parede é espelho. Toda a sala se vê lá repetida: cambiantes de luz, todas as acções. Se alguém entra na sala, aparece no espelho e pensa que a sala é a vida e que o espelho é a arte.

A&L: Então a Arte é o dispositivo que vai espelhando a vida em objectos bonitos...

RR: Existindo a vontade e existindo o aparelho, em qualquer aspecto da realidade (passo o termo) que seja possível isolar, serão legíveis reflexos do todo. As obras de arte são só objectos que existem exclusiva ou prioritariamente para proporcionar essa leitura. E quando digo “objectos”, dado que falamos para os leitores de uma revista sobre arte, tenho que acrescentar: em Arte, “objecto” é a relação de qualquer forma com a explicação que ele propõe de si.

A&L: Pode ser mais acessível?

RR: (sorriso) - Qualquer criação fala de si própria e das outras, mas a obra de arte só faz isso: não tem utilidade que não seja explicar o momento que ocupa no momento disciplinar.

A&L: Não é “expressão de subjectividade”?

RR: Uma obra de arte diz da subjectividade do indivíduo. É crucial para ele mas é irrelevante para a mundo.

A&L (risos): Quer simplificar?

RR: Tudo é expressivo. Mas nem tudo é arte.

A&L: No texto do catálogo do Prémio Pingo Doce de Arte Contemporânea diz que “o rapto da arte e a violação da história foi feita pelos próprios funcionários da arte”...

RR: Repare, a história da arte é o lugar virtual onde conflui a História e a necrologia. Na realidade a arte não existe, e se existe, não é arte. A Arte sou eu. É tudo. Está em toda a parte. Há aquele artista que ficou conhecido porque ia às inaugurações com uma bolinha autocolante vermelha na testa para dizer que era um vendido e amarrava uma etiqueta com o seu preço no dedo grande do pé... Hoje em dia já nem sequer os artistas medíocres vão para directores dos museus. Os historiadores de arte, e até arquitectos, ocuparam esse território. Aliás, os historiadores de arte são agora os verdadeiros artistas porque sabem muito mais do que os artistas.

A&L: Como?

RR: Veja, a valorização dos saberes teoria-história-filosofia acompanham o declínio da importância da factura material do objecto de arte, tendo resultado num incremento da economia em todo o sistema artístico. Os artistas-historiadores-de-arte arranjam uma fórmula perfeita. Como zombies, conhecem, justificam, e fabricam história de arte e perspectivam-se em futuros marcos. Assim, os historiadores da arte tecem o futuro da história de arte, não como artistas ou como historiadores, mas como historiadores-de-arte-artistas, numa completa perversão das regras mais elementares do Marquês de Queensbury, num auto-broche contínuo.

A&L: Chegou recentemente de uma residência artística no Orgone Institute no Maine, EUA. Quer falar dessa experiência?

RR: Estive ligado 8 dias ao mais recente e potente acumulador de energia Orgone. Era um atelier de indução orgásmica para apresentação a jovens artistas das técnicas desenvolvidas por Wilhelm Reich com o objectivo de viabilizar como meio de expressão plástica este fenómeno fisiológico. Confesso que curti imenso mas não tive muitas ideias para arte.

A&L: O seu último filme “Arte, Sexo e Morte”, uma longa metragem com quarenta e seis horas, é um empréstimo dessa experiência?

RR: O filme é uma manipulação da problemática das relações edipianas e dos ritos fúnebres com o capitalismo artístico. A minha preocupação como artista só tem a ver com a responsabilidade ética e ecológica que é sempre inevitavelmente transportada para essa dança macabra.

A&L: Quer deixar um último testemunho antes de desaparecer como artista?

RR: Declaro que estamos a assistir ao fim das lendas, dos mitos e da magia a que a arte esteve associada. É um admirável mundo novo da arte.